

Banco de Miami financia importação

Enquanto a maioria dos bancos credores americanos aumenta as restrições para a renovação das linhas de curto prazo que sustentam as importações brasileiras no exterior, o banqueiro Roberto Entin, maior acionista do Imperial Bank, uma instituição de pequeno porte da Flórida, caminha no sentido inverso. Além de anunciar investimentos da ordem de 20 milhões de dólares no Brasil, Robert Entin está colocando à disposição de diversos bancos brasileiros uma linha de crédito para financiamento de importações com limite mensal de 2 milhões de dólares por cada instituição, através do Imperial Bank, que não está entre os credores do Brasil.

Dono de várias empresas nos Estados Unidos, que incluem, além do banco, seguradoras e consultoria com patrimônio total de 300 milhões de dólares, Robert Entin — um americano de origem

judaica — também pretende fazer investimentos diretos no Brasil. Ele acaba de adquirir o título de uma empresa brasileira, a Fotonal, cuja razão social passa a ser Imperial Agroindustrial, que atuará no plantio, industrialização e exportação de soja e também servirá de suporte para a criação do cartel de representação das demais empresas de Entin no Brasil.

Hoje, Entin assina a escritura de compra de 4 mil hectares de terras no Paraná, mas seu objetivo é atingir cerca de 40 mil hectares. Além do plantio, a Imperial Agroindustrial pretende atuar nas bolsas de *commodities* com contratos futuros de ouro e cereais. O investimento inicial no Brasil será de 20 milhões de dólares, mas a médio prazo essa quantia pode chegar a 50 milhões.

Seu interesse pelo Brasil foi estimulado pelo brasileiro Carlos Vieira de Mello, de quem é sócio na Financial Exchange

Trust Co., de Miami. Além do objetivo de ampliar seus negócios no Brasil, “sem pre buscando atividades lucrativas”, Entin também pretende fazer uma política de boa vizinhança através das linhas de curto prazo.

A partir da experiência do Imperial Bank com o financiamento das importações brasileiras, Robert Entin está disposto a articular um *pool* de bancos americanos de pequeno porte — e que como ele não esteja envolvido com a questão da dívida externa do Brasil para ampliar as linhas de curto prazo das agências brasileiras no exterior.

— A fama do Brasil no exterior não condiz com a realidade. Os grandes negócios são feitos onde as compras podem ser boas e baratas. Estamos nos antecipando enquanto os investidores estrangeiros ainda estão receosos de virem para o Brasil.